

Marque a opção do tipo de trabalho que está inscrevendo:

Resumo () Relato de Experiência () Relato de Caso

Brinquedoteca Universitária: alternativas aos condicionantes culturais do brincar livre e das culturas produzidas pelas crianças.

AUTOR PRINCIPAL: Willian Rombaldi

COAUTORES: Cíntia Witech Fauth, Mariane dos Santos e Sabrina Trevisan Schuster.

ORIENTADOR: Rosana Coronetti Farenzena.

UNIVERSIDADE: Universidade de Passo Fundo.

INTRODUÇÃO

Desde a emergência dos Estudos da Criança, especialmente no campo da Sociologia, da Antropologia e da Psicologia da Infância, o princípio da criança como cidadão de direitos interroga e orienta processos educativos formais para a infância. No campo legislativo uma série de mecanismos legitima a condição de participação ativa da criança na sociedade, respeitadas as suas especificidades sociais geracionais. No que diz respeito ao brincar, como direito universal, é explicitado desde a Convenção Sobre os Direitos da Criança, de 1989 e ratificada pelo Brasil, em 1990. Na Brinquedoteca Universitária, espaço privilegiado para o brincar e à produção da cultura infantil, organizamos um ambiente favorável à liberdade de escolhas e de interações. Para qualificar nossas práticas, documentamos, através de observações diárias, as formas próprias de participação das crianças visitantes nesse espaço, bem como dos adultos que as acompanham. Um excerto desse material constitui a base deste trabalho.

DESENVOLVIMENTO:

O objetivo deste olhar crítico foi de perceber possíveis condicionantes culturais nas escolhas e interações das crianças visitantes à Brinquedoteca Universitária, nas situações de livre brincar, bem como nas intervenções de professores. Esta mesma, é um laboratório do curso de Pedagogia, tendo o compromisso de ser um território que acolhe e reconhece legitimidade nas expressões lúdicas das crianças visitantes. Conforme o Artigo I, da Convenção Sobre os Direitos da Criança, “[...] considera-se como criança todo o ser humano com menos de dezoito anos de idade.” Neste sentido as áreas e os brinquedos são organizados como convites ao brincar, nada indica divisões entre artefatos lúdicos e o brincar de meninos e de meninas. Selecionamos as observações feitas durante seis visitas de turmas diferentes, de escolas públicas e privadas, num período de duas semanas seguidas, cada uma composta por um conjunto de 24 a 30 crianças, com idades entre os 5 e os 12 anos. Inicialmente há a procura por brinquedos prontos. Na área da casa, com utensílios em madeira e outros materiais que não reproduzem estereótipos culturais, há a predominância de meninas. Meninos fazem aproximações cuidadosas, observam antes de decidirem pela participação.

Raramente a escolha é por brincar com bonecas e ações como alimentá-las, segurá-las com o sentido de cuidado. Destacamos duas situações nas quais meninos entre 5 e 7 anos brincavam com bonecas, nas quais desempenhavam papel de cuidadores, conversavam com elas, embalavam-nas, acomodadas nos braços. Ao perceberem que eram observados, imediatamente dissimularam a ação. As fantasias são vivamente usadas por crianças de todas as idades, também por professores que as vestem. A área do tatame, com peças grandes e coloridas, em espuma revestida por couro vegetal é a de primeira escolha. Nela correm, saltam, atravessam túneis, constroem torres e esconderijos, entram e saem de peças com orifícios, enfrentam-se em lutas de brincadeira. Nessa característica do brincar, de “não literalidade”, objetos ou situações de um jogo podem ter outro significado para o sujeito que brinca, conforme o seu desejo. Há o predomínio da realidade interna sobre a externa, e o sentido habitual é ignorado por outro sentido, afirma Kishimoto (1998). Quanto à participação dos adultos que as acompanham, são comuns as dificuldades para reconhecer a legitimidade das formas de ser e estar criança no brincar. Questionamentos de professoras à equipe da Brinquedoteca, buscando aval para restrições são frequentes: “Pro, eles não podem nem correr, nem gritar aqui, não é?” (Professora de uma de Pré-escola). Preocupações docentes com uma possível desordem também aparecem em alertas à equipe: “Vocês não podem mostrar muito os dentes, eles são queridos, mas se transformam.” (Professora de uma turma de 3º ano). Os tempos livres são temidos por adultos porque acionam o imprevisível, intensa movimentação corporal, a alegria genuína, interações e experimentações não silenciosas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A Brinquedoteca Universitária representa uma oportunidade de desenvolvimento e de aprendizagens para crianças, ao garantir interações livres com materiais e espaços diversificados. Para os educadores, é uma referência de organização dos espaços, de práticas respeitadas e reconhecidas das crianças como sujeitos de direitos. Para acadêmicos e comunidade traz evidências de que espaços educativos, devem interrogar e trazer alternativas os processos redutores do desenvolvimento infantil.

REFERÊNCIAS

UNICEF. Convenção sobre os Direitos da Criança, 1989.

KISHIMOTO, T.M. O jogo e a educação infantil. São Paulo: Pioneira, 1998.

NÚMERO DA APROVAÇÃO CEP OU CEUA (para trabalhos de pesquisa): Número da aprovação.
SOMENTE TRABALHOS DE PESQUISA

ANEXOS

Figura 1: Manuseio de carinho de bonecas pelo gênero masculino



Figura 2: Aproximação de meninos na área da casa



Figura 3: Manuseio de utensílios de madeira na área da cozinha, por um menino



Figura 4: Espaço do tatame, com peças grandes e coloridas.



VI SEMANA DO CONHECIMENTO

**UNIVERSIDADE EM TRANSFORMAÇÃO:
INTEGRALIZANDO SABERES E EXPERIÊNCIAS**

2 A 6 DE SETEMBRO DE 2019

